

Quadras de um poeta morto



ANTÔNIO NOBRE

Nasceu na cidade do Porto e faleceu na Foz do Douro aos 33 anos de idade, em 18 de Março de 1900. Distinguuiu-se pela suavidade e melancolia do seu estro. Deixou um livro inconfundível e, ainda hoje, muito estimado — *Só* — e *Despedidas*, edição de 1902.

Coração, não vos canseis
De bater... que importa lá?
Porque os amores fiéis,
Nem a morte os vencerá.

O' figuras de velhinhos
Que andais dormitando ao leu!
Como são belos os linhos
Que vos esperam no Céu!

Dizem que os mortos não voltam...
Voltam sim. E porque não?
Os corpos daí nos soltam,
Como às aves o alçapão.

Nem gritos e nem cantigas
Entre vós que à noite andais;
As almas das raparigas
Inda sonham nos choupais.

Nas grandes mansões da morte
Inda há romance e noivados,
Venturas da boa sorte,
Corações despedaçados.

Quem riu ontem, quem ri hoje,
Nem sempre poderá rir...
Um dia o riso lhe foge,
Sem que o veja escapulir.

Riquezas, que valem elas
Se estão na sombra ou sem luz?
Tesouro são as estrelas
Da bondade de Jesus.

Pode-se amar o veludo
De uns olhos e os brilhos seus,
Porém, acima de tudo
Devemos amar a Deus.

Vós que amais a luz da Lua,
De vossa alma abri as portas
Para os fantasmas da rua,
Que choram nas horas mortas.

Pensei que a morte era o fim
Das ânsias do coração;
Contudo, não é assim...
Nem pó e nem solidão.

As vezes acham-se fojos
Onde há música e festins,
E há muitos cardos e tojos
Entre as flores dos jardins.

Se eu pudesse, estenderia
Minhas capas de luar,
Sobre os filhos da agonia
Que andam no mundo a penar.

A morte só pode ser
A vida risonha e pura,
Para quem a padecer
Vive aí na sepultura.

Mal vais, se vais caminhando
Na ambição de ouro e glória;
Nesse mundo miserando
Toda ventura é ilusória.

Chorai! chorai òrfãozinhos,
Vossas dores amargosas:
Achareis noutros caminhos
As vossas mães extremosas.

Deixa cantar, ó menina,
Teu coração sonhador...
No sepulcro não termina
O novelário do amor.

Um anjo cheio de encanto
Vive sempre com quem chora,
Guardando as gotas de pranto
Numa urna cor da aurora.

No Universo há céus profundos,
Cheios de vida e esplendor,
Um céu é um ninho de mundos,
Um mundo é um ninho de amor.

A caridade é a beleza
De um divino plenilúnio,
Luz que se estende à pobreza,
Na escuridão do infortúnio.

Aos mendigos desprezados
Não ridicularizeis,
São senhores despojados
Dos seus tesouros de reis.

Aqui, a alma inda espera
O alguém que na Terra amou,
O raio de primavera
Que aí jamais encontrou.

Há quem faça aí mil contas,
Que os interesses resuma,
Mas morrem cabeças tontas,
Sem fazer conta nenhuma.

Tecei sonhos, fiandeiras,
Oh! almas enamoradas,
Vivei aí nas clareiras
De luzes alcandoradas.

Ah! que sinto aqui saudades
Das noites de S. João,
Sonho, estrelas, claridades,
Cantigas do coração.

Na minha vida de agora
Não canto as festas louçãs,
Naquelas toadas de outrora
Às moçilas coimbrãs.

Acompanha-me a tristeza
Das saudades, por meu mal;
Minha terra portuguesa!...
Meu querido Portugal!...



Do Além

ANTÔNIO NOBRE

Pudesse o nosso olhar, vagueando os ermos,
Ver através da própria soledade
A expressão luminosa da Verdade,
E da luz da Verdade não descermos...

Preocupar-se aí, porém, quem há-de
Com o problema de sermos ou não sermos,
Pois que o ardente desejo de o sabermos
E' sempre o anelo falso da vaidade?

Peregrinos da dor, na dor andamos
Sem que a nossa miséria se desfaça
No escabroso caminho onde marchamos,

Seguindo a alma nos sonhos iludida,
Até que a dor unindo-se à desgraça
Descerre os véus que encobrem outra vida.

Soneto

ANTÔNIO NOBRE

«Quando cobrir-sé o chão de folhas mortas
— Meu coração dizia em grave entono —
Extinguindo-se a vida que comportas,
Dormirás no meu seio o último sono...»

E murmurava a alma — «Findo o Outono,
A Primavera vem por outras portas;
Não existe no túmulo o abandono,
Ou a dor amarga e rude em que te cortas.»

Escutava essas vozes comovido,
Morto de angústia, morto de incerteza,
Aguardando o sol-posto, entristecido;

E além da amarga vida de segundos,
Ressurgi da tortura e da tristeza,
Sob os ares sadios de outros mundos!

Ao mundo

ANTÔNIO NOBRE

A Terra é o vasto abismo onde a alma chora,
O vale de amarguras do Salmista,
Lodoso chavascal onde se avista
A podridão dos vermes que apavora.

Mas, para os grandes bens, para que exista
A perfeição da luz deslumbradora,
Precisamos da carne que aprimora
Com o camartelo mágico do artista.

Terra, tranquilamente eu te abençoo...
Porque da tua dor alcei meu voo
Para a mansão das luzes opulentas;

Teu rigor nos redime e nos eleva;
Mas és ainda o cárcere da treva,
Triste mundo de chagas pustulentas!

À Mocidade

ANTÔNIO NOBRE

Cantai! cantai, ó mocidade! Moira
Encantada que ri nos prados verdes,
Cantai o amor que é luz que se entesouira,
Vibrai na luz da vida em que viverdes.

Glorificai, ditosa, o sol que doira
O riso que espalhais sem compreenderdes,
Expandi-vos na primavera loira,
Nos poemas de luar que conceberdes!

Ide cantando, mocidade ardente,
Alvorada em Abril, do sol-nascente,
Clareando o porvir almo e risonho;

Marchai sorrindo, doce juventude,
Na exaltação do amor e da saúde,
Êbria de aroma e luz, êbria de sonho!...